

RONDON — O MESTRE

Gen. F. JAGUARIBE GOMES DE MATTOS

(Transcrito da revista "Geográfica" — órgão oficial da Sociedade Geográfica Brasileira — S. Paulo — Ano IX, n. 9 — Dezembro de 1959 — com correções e acréscimos introduzidos pelo autor.)

Nasceu privilegiado.

Abriu os pequeninos olhos para o mundo como filho único em uma casinha muito modesta, junto a uma pitombeira, no disperso

povoado do Mimoso, sito às margens da lagoa Chacororé cujo fluxo se faz pela margem esquerda do Rio Cuiabá. Mimoso fica a S. S. E. da capital da antiga Província e atual Estado de Mato Grosso.

Sua cabeça de braquicéfalo, sua testa larga e ampla, sua tez bronzeada muito escura não denunciavam as angústias das civilizações expressas no seu sangue.

Nêle deve haver reminiscências da estirpe dos Rendon ou Rondon de Quevedo, nobres de Espanha que chegaram ao Brasil em 1625 com a esquadra de D. Fradique de Toledo Osório. Eram D.

João Matheus Rendon de Quevedo, D. Francisco Rendon de Quevedo e D. Pedro Matheus Rendon Cabeça de Vaca. Um outro Rendon de Quevedo, José, veio para o Brasil em 1640.

Ana e Maria, filhas de Amador Bueno da Ribeira, o maior paulista no seu tempo, casaram-se respectivamente com João Matheus Rendon de Quevedo e Francisco Rendon de Quevedo. Todos os Rendon de Quevedo foram distintos na Espanha e destemidos ou heróis no Brasil.



O mais afastado elemento explícito da genealogia Rondon no Brasil é Gaspar da Silva Rondon, um dos trisavós paternos do Marechal Rondon ou explicitamente avô paterno de sua avó Maria Rosa da Silva Rondon. A ligação da genealogia de Gaspar da Silva Rondon com a dos Rondon de Quevedo não está explícita mas decorre como boa probabilidade devido a várias circunstâncias e coincidência cuja descrição seria longa e inoportuna aqui.

A esposa de Gaspar da Silva Rondon era Francisca Leonardo, filha de índios Guaná — navegadores fluviais.

Uma das bisavós maternas do Marechal Rondon, Joaquina Gomes, casada com José Francisco Lucas Evangelista, era mestiça de índios Bororo da Campanha; a outra, casada com Constantino de Freitas, de origem portuguesa, era mestiça de índios Terena. Junte-se a isso a notícia de que o avô paterno do Marechal, José Mariano da Silva, era filho de portugueses e tem-se o quadro do complexo racial que, de acordo com as leis da genética, poderia produzir, isolados ou combinados, alguns dos pendores existentes entre esses antepassados.

O nascimento de Cândido Mariano ocorreu a 5 de Maio de 1865. Quando nasceu, já não existia seu pai. Em 1867 ficou órfão também de mãe. Parecia ser um desamparado da sorte. Os avós maternos o mantiveram no local do nascimento até 1873, quando seu tio Manuel Rodrigues da Silva, irmão de seu pai, levou-o a Cuiabá, para estudar. Era uma combinação feita por Cândido Mariano da Silva, o pai, com o seu irmão Manoel, quando aquêle, prevendo sua morte antes do nascimento do filho revelara o desejo de que, sendo êle do sexo masculino, fosse preparado para exercer uma profissão mais interessante do que a que lhe poderia reservar o modesto povoado do Mimoso.

Desenvolvia-se o menino Cândido Mariano com robustez e dinamismo, revelando excepcional inteligência.

Na escola pública de Mestre João, em Cuiabá, êle era um pioneiro, um chefe da petizada, mas, ou por inveja, ou por exibição, presumindo-se possuidor de melhores recursos musculares, um índio Bororo, seu colega, insultou-o na classe. Cândido Mariano respondeu que lá fora pagaria aquêle insulto. Criaram-se os partidos a favor da vitória de um e de outro; chegado o momento do recreio, disputaram-se todos para apreciar o espetáculo. Os dois contendores se atracaram e o indiozinho foi jogado por terra, levando tremenda surra. Houve reclamação do tutor do índio, que teve de pô-lo em salmoura para curar as equimoses e arranhões recebidos.

Mestre João queria que Cândido Mariano pedisse desculpas. "Não peço", teria respondido o valente surrador. "Êle ofendeu a memória de minha mãe e mereceu o castigo que lhe dei". "Então você terá de apanhar, respondeu-lhe Mestre João. E Cândido Mariano, contendo as lágrimas e apertando os lábios, recebeu uma forte dúzia de bolos. Ali já estava o estóico que haveria de suportar os mais angustiosos

sofrimentos para triunfar na realização de um grande ideal. Queria a fatalidade que o surrador do menino Bororo viesse a ser depois o maior amigo e o maior protetor da etnia Bororo.

No Liceu Cuiabano foi depois o primeiro de sua classe e aos 16 anos de idade recebeu o diploma de Professor Público. Isso não lhe bastava ante aspirações já desenvolvidas e, apesar da oposição do seu tio, acabou obtendo d'ele a licença necessária para assentar praça, seguir para o Rio de Janeiro e tentar matrícula na Escola Militar da Corte.

Só em 1883 tornou-se possível essa matrícula mas, enquanto esperava, como praça, empregada na Secretaria do 2º Regimento de Artilharia a Cavalos (pertencendo ao efetivo da 4ª Bateria sob o comando do Capitão Hermes da Fonseca) e depois como amanuense nos serviços do Quartel-General, ia estudando e prestando exames na instrução pública. Na Escola Militar tornou-se logo o primeiro aluno de sua classe. Chegando o fim do ano, prestou exames, logrando distinção. Requereu logo exames vagos do 2º e 3º anos obtendo plenamente em ambos, conseguindo assim no período de um ano o curso completo dos três anos letivos de preparatórios.

No curso superior continuou a manter a dianteira. De tal maneira se dedicou ao estudo, suprimindo tôdas as horas de lazer, diminuindo as destinadas ao sono reparador, que em 1885 adoeceu gravemente. A moléstia foi longa e sua morte prognosticada. Salvou-se o brilhante aluno mas teve de perder o ano. No ano seguinte a matéria dada já era tôda sua conhecida e Cândido Mariano se comprazia em tirar as dificuldades dos colegas, tornando-se um verdadeiro repetidor das lições proferidas na classe pelos mestres.

Um incidente assinalou sua passagem pelo curso superior. Um seu colega muito brilhante era o aluno Saturnino Cardoso, irmão de Licínio Cardoso que foi depois grande médico homeopata. Disputavam-se a primazia que Cândido Mariano mantinha, com sua extrema vigilância. Certo dia em uma sabatina de mecânica, cadeira do Prof. Manuel Peixoto Corsino do Amarante, o aluno Cândido Mariano quis pôr em jôgo sua familiaridade com o cálculo diferencial e integral, cuja aplicação é por vêzes difficil. Julgava êle que essa proeza seria motivo de maior satisfação da parte do seu professor.

Quando em outra aula o Prof. Amarante deu o resultado do julgamento, declarou ter concedido duas notas ótimas: 10, em primeiro lugar ao aluno Saturnino Cardoso e 10 em segundo lugar ao aluno Cândido Mariano.

Teve êste um profundo desapontamento e foi perguntar ao professor o motivo da inferioridade da sua prova. Explicou-lhe o bom mestre que êle havia complicado a questão. Não era necessário o emprêgo do cálculo infinitesimal porque, no caso, o cálculo algébrico era suficientemente preciso para a solução da questão dada. Cândido

Mariano teria respondido que não estava apurando resultados práticos para uma necessidade industrial, mas sim revelando conhecimentos em aula e parecia-lhe razoável admitir que a demonstração de um maior conhecimento ou de maior disponibilidade de meios seria fator positivo de mérito e não de demérito.

O professor não atendeu e o brioso estudante passou então a assinar em branco as novas provas de sabatina da cadeira de mecânica. Advertiu-lhe o Mestre, bondosamente, que por essa forma não conseguiria ter média suficiente para entrar em exame. Não faz mal — teria respondido o aluno, farei exame vago.

E assim foi. O exame vago do cadete Cândido Mariano da Silva provocou curiosidade semelhante àquela por êle despertada quando fêz exame vago do 2º e do 3º anos no curso escolar de preparatórios. Até o comandante da Escola desceu do seu Gabinete para assistir ao exame. Houve quem propusesse a sua prisão; houve quem diminuísse o valor da nota, mas o consciencioso professor Amarante, encantado com o preparo, com o brilho, com a energia e a bela têmpera do caráter do seu aluno, deu-lhe nota 10 e, afinal, o examinando logrou uma distinção.

Em 1888 tomou parte nos movimentos pró libertação dos escravos e em 1889, já alferes aluno, colaborou nos pronunciamentos para a proclamação da República tendo formado com a tropa que, sob o comando geral do Marechal Deodoro, marchou sobre o Quartel-General. Saiu de forma, passou o comando de sua Divisão a um sargento e enveredou Quartel-General adentro, logo que o grande portão se abriu para dar passagem ao Estado-Maior de Deodoro, ao encontro da tropa defensiva que se achava no interior do Quartel.

Concluiu o curso de Engenharia com o mesmo brilho e não estava ainda desligado da Escola Superior de Guerra quando foi convidado pelo Major Antonio Ernesto Gomes Carneiro para ajudante da Comissão de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso.

O Governo republicano havia decidido apressar a construção da linha telegráfica que, partindo de Franca, no Estado de São Paulo, deveria atingir Cuiabá. Estava a Comissão Construtora além de Uberaba, sob a chefia do Cel Ewerton Quadros, quando foi dividida em duas. A primeira continuaria no mesmo rumo, sob a mesma chefia; a segunda, sob a chefia de Gomes Carneiro, partiria de Cuiabá e atingiria a margem esquerda do Rio Araguaia, em ponto fronteiro do "Registro" — onde seria feita a ligação das duas pontas de fio.

Essa comissão foi a revelação de dois grandes vultos da nacionalidade, o início de duas epopéias.

Gomes Carneiro, o chefe experiente e grande administrador, a um tempo severo e bondoso, seria também o Mestre que Cândido Mariano consideraria o único que teve na vida prática. Seria depois o herói da Lapa, criando uma das mais belas páginas da instituição da Re-

pública. Cândido Mariano, discípulo atento, ajudante inexcedível pela dedicação, competência e resistência física, seria herói na paz. Era o mais moço e o mais tenaz dos ajudantes de Gomes Carneiro.

Foi nesse período que o 1º Tenente Cândido Mariano da Silva, sabendo que seu tio Manoel Rodrigues da Silva acrescentara a palavra Rondon ao seu nome, requereu e obteve do Ministro da Guerra, por gratidão ao seu tio e preceptor, permissão para acrescentar o seu nome da mesma desinência usada por ancestrais paternos.

A construção da linha telegráfica de campanha de Cuiabá ao Araguaia fêz-se em tempo recorde, como estava previsto. Cândido Rondon por influência de Benjamin Constant tinha sido nomeado professor da Escola Militar, mas Gomes Carneiro conseguiu que a apresentação para a emposse na cátedra só ocorresse depois de terminada a construção da linha.

Quando aluno da Escola Militar, num exercício simulado em que compareceram muitas pessoas convidadas, inclusive o Dr. Antônio Henriques Leal, Diretor do Colégio Pedro II e pai dos seus colegas Antônio e Alexandre Leal, estêve também o Dr. Xavier, professor do Colégio, com suas filhas Tereza e Francisca Xavier. O cadete Cândido Mariano foi apresentado à família do Dr. Xavier como o primeiro aluno da Escola. Esse primeiro contato com a Família Xavier seria decisivo para a vida do grande brasileiro. Ele iria encontrar a inspiradora de um amor sublime, que ela corresponderia com uma elevação e um desprendimento sem limites. Sem êsse amor êle não teria realizado a obra ciclópica que causa admiração ao mundo inteiro.

Antes de partir para Mato Grosso para apresentar-se a Gomes Carneiro e exercer as suas funções, Cândido Mariano firmou o seu noivado a 1º de Fevereiro de 1890 e marcou o casamento para dois anos depois, ou seja, 1º de Fevereiro de 1892. Quando concluiu o serviço em 1891, voltou para o Rio de Janeiro e assumiu as funções de Professor no Curso Superior da Escola Militar. Era 1º Tenente e ficou comissionado no pôsto de major. O jovem professor teve de desdobrar um esforço extraordinário. Regia a cadeira de Astronomia, repetia a de Mecânica Racional e tinha de substituir os lentes de Matemática Superior em suas ausências acidentais. Os alunos estavam radiantes e surpresos com a proficiência do nôvo Mestre.

Sua noiva compreendeu o esforço e a aflitiva situação de Cândido Mariano e restringiu as visitas normais do noivo, que passaram a ser somente aos domingos, a fim de poupá-lo e evitar um esfalamento. Quanta nobreza encerrava êsse gesto! Seu casamento realizou-se com expressivo cerimonial no dia marcado. Uma perplexidade deixava-o intranquillo. Ele poderia usufrir as vantagens do professorado vitalício com grande gáudio para seus sentimentos de espôso amantíssimo e proveito para seu desenvolvimento intelectual, mas

seu mestre e Chefe Cel Gomes Carneiro, afirmava que só nêle confiava para o trabalho de consolidar a linha telegráfica precariamente construída, abrindo estradas e desenvolvendo a região. Triunfou Carneiro sobre Benjamin Constant e Rondon voltou ao sertão como Chefe do 16º Distrito Telegráfico (Ministério da Viação) e Inspetor de Destacamentos Militares dispostos para proteção da linha (Ministério da Guerra).

A 5 de março de 1892 partiu para Cuiabá com sua senhora.

Reconstruiu a linha, mudando postes e assentando fio de 5 milímetros em lugar de 2,5 milímetros; abriu estrada, construiu casas para estações e para guardas-fios, levando ânimo e progresso àquelas paragens desérticas.

Fêz uma temporada no Rio de Janeiro (1898-99), no Serviço de Intendência da Guerra, em cujo cargo gozou uma licença para tratamento de saúde. Então, achando-se na estação Buarque de Macedo, enquanto recuperava a saúde, desenhava a planta de toda a linha construída e respectivos arredores. Voltou o Cap. Rondon a Mato Grosso como Chefe da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas no Est. de Mato Grosso. O Governo estava interessadíssimo em efetivar a ligação telegráfica Cuiabá-Corumbá. O problema já tinha sido examinado por técnicos anteriores, mas os recursos necessários e as dificuldades de execução pareciam desaconselhar a medida. O Mal. Mallet, Ministro da Guerra, insistia e desejava vincular as linhas telegráficas a rios navegáveis, a traçados de vias férreas e de estradas de rodagem, cujos estudos mandava proceder. Fêz-se então apêlo ao Cap. Rondon para encontrar meios de superar os grandes pantanais da região.

A audácia e à competência dêsse grande engenheiro militar deve-se o prolongamento da linha que o então Major Bento Manuel Ribeiro Carneiro Monteiro não pudera concluir, encaminhando-a sempre pela aba ocidental da Serra de Maracaju, levando-a até Guachi donde a linha prosseguiria vencendo o pantanal. Nesse mister êle teve a colaboração do seu brilhante ajudante Cap Alberto Cardoso de Aguiar que antes era de parecer contrário, e o auxílio poderoso dos índios Bororo, já seus amigos e cuja língua falava corretamente. Esses trabalhos no Sul de Mato Grosso, ligando Cuiabá às fronteiras da Bolívia e do Paraguai, causam admiração porque é obra gigantesca.

Quando em 1905 a grande cheia do Rio Paraguai alcançou o mais alto limite conhecido, cobrindo integralmente casas marginais, inclusive em Pôrto Murtinho, Rondon teve de salvar a linha que, em pontos de catenaria do fio, ficaria mergulhada na inundação. Foi um trabalho insano. Um dos auxiliares dêsse tempo, que é hoje o General Reformado José Pompeu de Albuquerque Cavalcanti, fazia ancorar canoas em pontos convenientes e sôbre elas levantava escoras que mantinham o fio na altura necessária. A êsse General Pompeu, a Sociedade Geográfica Brasileira concedeu a Medalha Marechal Rondon.

Todos os grandes afluentes da margem esquerda do rio Paraguai, bem como as suas cabeceiras, em região brasileira, ficaram levantados. Ficou discriminado do lado leste o limite exato do pantanal e foram localizados todos os maciços orográficos.

Em 1907 teve início a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, muito mais ampla, com caráter tipicamente misto (Guerra e Viação).

Teria de ser levado o fio telegráfico aéreo desde Cuiabá até Rio Branco, no Acre, com muitos ramais. Seria a travessia de sertões integralmente virgens, nos quais se atribuía a existência de índios antropófagos.

Na primeira fase, em 1907 e 1908 êle explorou o chapadão dos Parecis, e descobriu a posição do curso do Alto Jurema, no qual firmou uma base. Na segunda, com apoio nessa base, com seu punhado de auxiliares, naturalistas, etc., realizou a grande travessia da região virgem. A região era em grande parte endêmica e quase todos os expedicionários, inclusive o Chefe, estavam rudemente atacados pelo impaludismo. Felizmente, a medida que avançavam sertão adentro, iam descobrindo novos rios correndo em geral para o norte, sendo alguns fartos de água. Em duas oportunidades Rondon organizou turmas de doentes, que fêz descer pelos rios descobertos, encarregando o Chefe de cada turma de fazer o levantamento respectivo.

Resultou assim a divisão da expedição em três turmas, tôdas com saídas sôbre o rio Madeira.

Essa grande exploração, feita na maior parte sôbre terra, abrindo passagem na mata ou no charravascal a facção, é a mais notável expedição realizada na América do Sul.

São muitos os episódios heróicos que envolvem a pessoa do chefe e a de muitos dos seus auxiliares. A obstinação tornou-se geral. Quando o alimento não chegava para todos êle o recusava. Por vêzes com febre alta e estado vertiginoso, caía, mas logo depois levantava-se e continuava. De nada valeram as intimações para voltar, tanto do médico do Serviço, como das autoridades governamentais.

O reconhecimento do itinerário terrestre e o dos rios utilizados para a saída dos doentes constituiu uma base para o projeto geral do traçado da linha. Os levantamentos regulares parciais permitiam o projeto definitivo e facilitavam a execução.

Em 1915 estava praticamente construída a linha tronco, de Cuiabá a Santo Antonio do Madeira, com ramais para a cidade de Mato Grosso, para Guajará Mirim e para Pôrto dos Bugres, no Alto Paraguai, sendo entregue à Repartição-Geral dos Telégrafos. Continuou porém o serviço de correção, da superintendência de ramais etc. e em

1930 estavam assentados mais de 6.500 Kms. de fios telegráficos. Já estava praticada a telegrafia sem fio e o Governo desistiu do propósito de levar a linha ao Acre.

A partir de 1917 os trabalhos de levantamento visavam a obtenção de dados para a construção e desenho da Carta de Mato Grosso. Todos os grandes rios que correm do planalto dos Parecis para o Norte ficaram levantados. O divisor Prata-Amazonas só em parte conhecido ficou integralizado graças aos levantamentos efetuados nas regiões centrais de Mato Grosso e assim também muitos divisores secundários.

A Comissão Rondon foi dissolvida pelo Governo Getúlio Vargas em 1930, antes de terminados os grandes estudos em gestação e a Inspeção de Fronteiras, iniciada em 1927 e também dirigida pelo Gen Rondon, que complementava aqueles estudos, teve os seus trabalhos de campo paralisados.

Foram as notícias da maneira como Rondon efetuou contatos com os indígenas e como evitou quaisquer represálias da parte do seu pessoal, que levaram o Governo em 1910 a criar o Serviço de Proteção aos Índios, do qual o então Ten-Cel Rondon foi o fundador e primeiro diretor. Consta da mensagem do Presidente da República ao Congresso Nacional em 1913 a informação de que o Congresso das Raças, reunido em Londres em 1911, fez um apêlo aos países que tinham regiões povoadas por indígenas, no sentido de que aplicassem nelas os métodos adotados no Brasil pelo Cel Rondon.

A obra científica da Comissão Rondon é vultosa. Além dos astrônomos e dos topógrafos, o chefe cercou-se de naturalistas, os quais, com êle ou com outras turmas, iam observando e colhendo material para estudo nos laboratórios. Rondon era por vêzes um guia. Ele conhecia pelo nome vulgar variadíssimas espécies de plantas, sabendo o emprêgo ou utilidade que poderiam ter; conhecia animais vertebrados e invertebrados, descrevendo seus hábitos, tendência, etc. e distinguia bem as rochas, sabendo classificá-las. Como ninguém, conhecia os hábitos e os nomes das tribos indígenas de Mato Grosso.

Quase duzentas monografias e álbuns formam a coleção das publicações da Comissão Rondon no Brasil. Algumas obras e estudos críticos foram publicados no estrangeiro.

Na coleção de obras da Comissão Rondon estão incluídas as publicações da Expedição Científica Roosevelt-Rondon referentes ao trajeto até as cabeceiras do Rio da Dúvida e ao levantamento dêste, do Alto Roosevelt, do Médio Roosevelt ou Castanho e do Baixo Roosevelt, antigo Baixo Aripuanã. Compreendem a Planta do Rio Roosevelt na Escala 1: 200.000 os Relatórios e as monografias sôbre Geologia, Botânica, Zoologia, plantas do levantamento do Rio Utiarití do Pagaio, de levantamentos parciais, relatórios, etc.

O Presidente Roosevelt perdeu 25 quilos de peso nessa exploração. Perdeu apenas o peso, porquanto restou-lhe energia e sinceridade para colocar Rondon entre os grandes homens do mundo e fazer as mais elogiosas referências aos seus antigos auxiliares e a vários oficiais e demais servidores da Expedição.

Durante o Governo Epitácio Pessoa, sendo Ministro da Guerra o Dr. Pandiá Calógeras, o General Rondon exerceu o cargo de Diretor da Engenharia do Exército, sem deixar suas funções de Chefe da Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas. Foi um período de progresso naquela Diretoria. Nesse tempo foram construídos muitos quartéis para corpos de tropa.

Quando o Presidente Getúlio Vargas precisou de um árbitro moral, com devotamento, competência, etc. capaz de se impor por completo em Letícia, encontrou Rondon.

Ele foi um mestre.

Talvez o maior mestre que o Brasil produziu até hoje. Além de geógrafo, astrônomo, topógrafo, etnógrafo e naturalista, era um filósofo praticante de sua Filosofia. Ninguém insinuou tanto o amor, o dever, o sacrifício em bem da Pátria, como ele. Viveu exemplificando. Foi mestre de civilizados e de indígenas durante os seus 74 anos de atividades eficientes no serviço público e mudou a mentalidade dos povos no tocante às relações a manter com os primitivos habitantes das selvas.

Ele participou de muitas das grandes virtudes que consagraram os nossos pró-homens no Brasil. Foi estoíco como Tamandaré, disciplinado e cortês como Saldanha da Gama, devotado e desprezado como o seu mestre Gomes Carneiro. Por muitas vezes arriscou a vida, mas quis o destino que ele exemplificasse por mais tempo. Sabia ser enérgico, inflexível, como extremamente meigo.

O seu ideal pela redenção dos indígenas colocou-o no estendal dos grandes apóstolos. O seu amor à Pátria, a sua capacidade para a visão genérica, na Estratégia como na Pacificação, colocam-no nos rumos em que se perspectivam as figuras de José Bonifácio e de Caxias. Amou profundamente, com sublimação no afeto.

Pelos motivos aqui suscintamente expressos, o Presidente da Sociedade Geográfica Brasileira (de S. Paulo) e o da Sociedade Brasileira de Geografia (do Rio de Janeiro) propuseram em sessão realizada na sede desta que a primeira grande estátua a ser erigida em Brasília seja a de quem possibilitou a conquista dos sertões, com o seu "Rumo ao Sertão" o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.

Quando a 19 de janeiro de 1958, às 15 horas e 35 minutos, o grande Rondon fechou para sempre seus já embaciados olhos, pôde dizer com singeleza: "Cumprido o meu dever!"